



# TORNANDO-SE AMERICANO



**ALÉM DO CALDEIRÃO CULTURAL**



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS  
VOLUME 15 / NÚMERO 9

<http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>

---

### Programas de Informações Internacionais:

Coordenador	Dawn L. McCall
Editor executivo	Jonathan Margolis
Diretor de Publicações	Michael Jay Friedman

---

Diretora editorial	Mary T. Chunko
Editora-gerente	Ashley Rainey Donahey
Gerente de Produção	Janine Perry
Designer	Chloe D. Ellis

---

Editora de fotografia	Maggie Johnson Sliker
Projeto da capa	David Hamill
Especialista em referências	Anita N. Green

---

Revisora do português	Marília Araújo
-----------------------	----------------

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica revistas eletrônicas com o título *eJournal USA*. Essas revistas analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Doze revistas são publicadas anualmente em inglês, seguidas pelas versões em espanhol, francês, português e russo. Algumas também são traduzidas para o árabe, o chinês e o persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Bureau de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos, bem como uma relação das próximas revistas em <http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>.

Comentários são bem-vindos na Embaixada dos EUA no seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, *eJournal USA*  
IIP/PUBJ  
U.S. Department of State  
2200 C Street, NW  
Washington, DC 20522-0501  
USA

E-mail: [eJournalUSA@state.gov](mailto:eJournalUSA@state.gov)

---

## Sobre Esta Edição



Muitas vezes nos referimos aos Estados Unidos como o “Grande Caldeirão Cultural”, metáfora que conota a mistura de muitas culturas, línguas e religiões para formar uma única identidade nacional. Mas essa metáfora não consegue captar o processo lento, complexo e frequentemente turbulento pelo qual os imigrantes de diversas origens e crenças se inserem na sociedade americana, ao mesmo que tempo que eles a transformam.

O debate sobre a imigração não é novo nem raro na história dos EUA— nem o rancor que o tema causa. A imigração é tanto parte importante da nossa identidade nacional quanto fonte de tensão social e política. Hoje, como nos períodos anteriores de imigração em massa para os Estados Unidos, integrar os recém-chegados à sociedade americana é um processo dinâmico que requer adaptação e mudança, não só por parte dos imigrantes, mas pelas comunidades, instituições públicas e entidades privadas que os recebem.

Desde seus primeiros dias, cidades como Los Angeles, Nova York e Chicago receberam grandes fluxos de imigrantes — na verdade, essas cidades foram construídas por imigrantes. Nos últimos anos, milhares de cidades menores dos EUA começaram a experimentar a transformação cultural que vem com a acolhida de números consideráveis de imigrantes em suas populações. Do Sul para o Meio Oeste e à Costa Oeste, um número crescente de imigrantes está se estabelecendo em áreas habitadas principalmente por descendentes de imigrantes europeus do século 19 e início do século 20, criando desafios e oportunidades tanto para os recém-chegados quanto para os antigos moradores. Esta edição de *eJournal EUA* examina como residentes tradicionais e recém-chegados estão aprendendo a entender uns aos outros e a viver pacificamente em conjunto em três comunidades americanas: Marshalltown, em Iowa; Beaverton, no Oregon; e Louisville, em Kentucky.

— Os editores



© Michael S. Yamashita/Corbis

Novo cidadão exibe seu certificado de cidadania americana. Apesar de ocasionais tensões sociais e políticas relacionadas com a imigração, os imigrantes sempre acabam sendo integrados à sociedade e às instituições dos EUA



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / VOLUME 15 / NÚMERO 9  
<http://www.america.gov/publications/ejournalusa.htm>

---

## **Tornando-se Americano: Além do Caldeirão Cultural**

### **5 Um País Eternamente Inacabado**

REED UEDA

As sucessivas ondas de imigrantes construíram e moldaram a sociedade dos EUA desde o século 19.

### **9 Imigração É Via de Mão Dupla: Além do Caldeirão Cultural**

MARK A. GREY

A integração dos imigrantes é um processo dinâmico que envolve não apenas os imigrantes, mas também as comunidades, as instituições públicas e as organizações privadas dos EUA.

### **15 Revitalização de uma Cidade do Meio Oeste: Imigrantes em Marshalltown**

ANNE C. WOODRICK

Recente fluxo de imigrantes hispânicos a Marshalltown, em Iowa, provocou o crescimento econômico e aprofundou o entendimento intercultural.

### **21 Beaverton: A Cidade mais Diversificada do Oregon**

AMY MARTINEZ STARKE

Nos arredores de Portland, Beaverton registra o crescimento mais rápido da população de imigrantes do Oregon.

### **25 Vida Nova em Louisville, Kentucky**

CARY STEMLE

A população de imigrantes de Louisville é mais diversificada que a dos Estados Unidos como um todo.

### **28 Recursos Adicionais**



Crédito: Patricia Haller, Parceria do Centro de Detroit

Muitos imigrantes europeus estabeleceram-se em cidades maiores dos EUA. O legado deles inclui bairros étnicos como Greektown no centro de Detroit, em Michigan

# Um País Eternamente Inacabado

Reed Ueda



© Sociedade Histórica de Minnesota/Corbis

Imigrantes holandeses posam ao lado do trem que os conduz a Minnesota. Os imigrantes do norte da Europa estabeleceram-se no Meio Oeste e desenvolveram a economia agrícola da região no final do século 19 e início do século 20

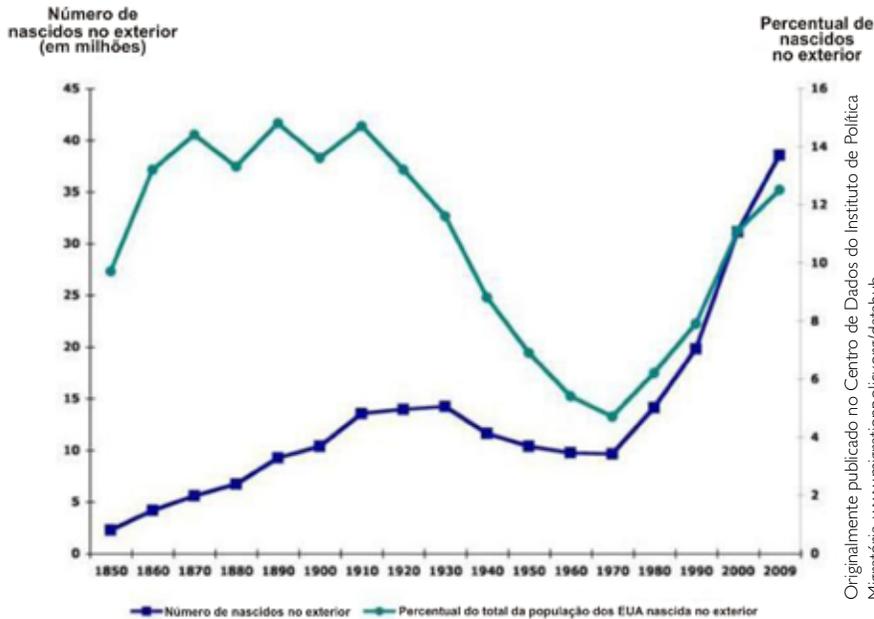
*Reed Ueda é professor do Departamento de História da Universidade Tufts. É autor de Postwar Immigrant America [Imigrantes nos Estados Unidos do Pós-Guerra] e coeditor da revista New Americans.*

**P**or serem um país continuamente construído e reconstruído pelos imigrantes, os Estados Unidos têm sido chamados de “país eternamente inacabado”. De fato, o país permanece como principal destino do mundo para imigrantes desde o século 19 até o presente. Os recém-chegados representam um desafio recorrente para a vida americana: como as comunidades de imigrantes — diferentes dos nativos e umas das outras — podem aprender a atuar de forma colaborativa em condições de abertura, mudança e escolha?

Os legisladores e formuladores de políticas dos EUA aprovaram leis e reformas institucionais para ajudar a enfrentar esse desafio ampliando as oportunidades de educação e mobilidade social dos imigrantes. Os líderes também promoveram uma forma pluralista de democracia que inclui os recém-chegados em atividades voluntárias e associações civis. A imigração estimulou mudanças sociais e culturais que resultaram em parcerias entre imigrantes e cidadãos locais para criar uma vida coletiva e institucional compartilhada, que fosse ao mesmo tempo uma comunidade nacional e uma constelação de comunidades locais marcadas por diferenças de classe, raça, religião e cultura.

Nos anos 1840, uma média de 170 mil imigrantes chegava a terras americanas a cada ano e, em 1850, 10% da população total do país de 23 milhões de habitantes tinha nascido no exterior. Dos anos 1840 até a Guerra Civil,

## Populações nascidas no exterior e seu percentual no total da população, 1850 a 2009



imigrantes irlandeses católicos fugindo da fome aceleraram o crescimento das cidades e forneceram a mão de obra para a construção de canais e ferrovias. Alemães, holandeses e escandinavos mudaram-se para o Alto Meio Oeste, onde suas propriedades rurais familiares desenvolveram a economia agrícola da região. Criaram geralmente comunidades rurais que eram uma réplica das aldeias da Noruega, Suécia, Alemanha e Holanda. A emigração do sudeste da China também aumentou nesse período. Agricultores e trabalhadores cujas famílias viviam há gerações nas proximidades de Hong Kong e no interior dessa região começaram a imigrar para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida e oportunidades.

Nas décadas após a Guerra Civil, o fluxo imigratório atingiu novos picos. Nos anos 1880, mais de 500 mil imigrantes entravam no país anualmente. A maioria deles continuava a vir da Irlanda, Alemanha, Holanda e Escandinávia. Muitos também vieram da Grã-Bretanha e do Canadá. Nos anos 1890, os padrões da imigração europeia começaram a se deslocar do norte e oeste da Europa para o Sul e Leste Europeu, trazendo italianos, gregos, eslavos e judeus do Leste Europeu e da Rússia, que foram rotulados de “novos imigrantes” pelos jornais da época. O número de imigrantes

que chegava a cada ano quase atingiu 1 milhão. Temendo que a imigração causasse uma recomposição da população americana, alguns líderes e formadores de opinião pediram a exclusão de imigrantes da Ásia e a introdução de um sistema de cotas baseado na origem nacional para reduzir o número dos que vinham da Europa, em especial dos países situados no Sul e Leste Europeu. Em 1921 e 1924, o Congresso seguiu o exemplo e aprovou uma nova legislação estabelecendo cotas restritivas e exclusões.

De 1930 a 1960, a imigração desempenhou um papel de menor importância na vida americana. O sistema de cotas limitou enormemente o fluxo de entrada legal de pessoas nascidas no exterior. Além disso, os altos níveis de desemprego causados pela Grande Depressão criaram um enorme desestímulo econômico à imigração para os Estados Unidos, e a Segunda

Guerra Mundial dificultou a migração voluntária. Após o fim da guerra, os EUA admitiram alguns refugiados, mas o sistema de cotas limitou a imigração. {Para mais informações sobre refugiados, veja *eJournal USA, Refugiados Começam Vida Nova nos Estados Unidos* <http://www.america.gov/media/pdf/ejs/portuguese/0710p.pdf>}

Um momento decisivo ocorreu em 1965 com a adoção da Lei Hart-Celler de Imigração. Esta lei aboliu exclusões e restrições à imigração com base em raça e origem nacional e estabeleceu uma nova estrutura nessa área dando prioridade à reunificação da família e às preferências ocupacionais. Isso abriu os EUA a pessoas de todas as partes do mundo e gerou um grande fluxo de imigrantes, tanto com altos níveis de educação como menos instruídos. O número de recém-chegados a cada ano começou a igualar e superar os índices anuais de imigração do início do século 20. E, o mais importante, a origem nacional dos imigrantes se deslocou da Europa para América Latina e Ásia. Em 2000, mais da metade dos que imigraram para os EUA era proveniente da América Latina e mais de um quarto, da Ásia, ao contrário do século anterior, quando nove entre dez recém-chegados vinham da Europa.

Dos anos 1970 até o início do século 21 — época



© Richard H. Cohen/Corbis

Dançarinos do dragão chinês se apresentam na Hester Street durante o Ano Novo Lunar de Chinatown, na cidade de Nova York: Hester Street, antigamente o coração de um próspero bairro de judeus do Leste Europeu, abriga agora muitos imigrantes chineses

de crescente globalização — os imigrantes continuaram a escolher os Estados Unidos como seu destino preferido. Mais do que nunca, a população americana se tornou heterogênea, e a noção dos Estados Unidos como terra de oportunidades e como uma sociedade aberta ao pluralismo étnico e cultural continuou a atrair novos imigrantes. Assim como a culinária, a língua, a música, o vestuário e os costumes nacionais de italianos, alemães, judeus e irlandeses haviam transformado as comunidades americanas durante a Revolução Industrial, as culturas trazidas pelos imigrantes mexicanos, brasileiros, coreanos, filipinos, árabes e caribenhos originaram uma nova forma cultural e de consumo na era pós-industrial.

No final do século 20, os descendentes dos “novos imigrantes” do Sul e do Leste Europeu do início desse século — e os primeiros imigrantes asiáticos, hispânicos e caribenhos da época — estavam completamente integrados à sociedade americana. Os imigrantes eslavos, judeus e mediterrâneos do início do século 20 haviam conquistado um lugar central na cultura regional do Norte industrial, enquanto os mexicanos na região sudeste e os chineses, japoneses, coreanos e filipinos na Costa do Pacífico e no Havaí influenciavam

profundamente essas regiões. Além disso, ao mesmo tempo que aumentava a mobilidade residencial e social entre os descendentes desses imigrantes, a etnia tornava-se menos significativa em suas escolhas ocupacionais, educacionais, de moradia e até mesmo de casamento.

Os Estados Unidos mantiveram com sucesso a coesão nacional, ao mesmo tempo que absorveram o grande fluxo de imigrantes do início do século 20. Recentemente, alguns estudiosos e comentaristas têm-se perguntado se esse padrão vai se manter enquanto a nação integra recém-chegados da América Latina, Ásia, África, Europa e do Oriente Médio. Alguns líderes e comentaristas indicam que a continuidade do apoio popular à imigração depende do progresso e da integração a longo prazo de todos os grupos de imigrantes. A História mostra que as sucessivas ondas de imigrantes que chegaram aos EUA têm demonstrado notável criatividade e flexibilidade para se adaptar à cultura pluralista americana, ao mesmo tempo que ajudaram em sua transformação. ■

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*



© AP Images

Multidões ainda acorrem ao Festival de San Gennaro, comemorado pela primeira vez em 1926 por imigrantes italianos que se estabeleceram no Lower East Side de Nova York, bairro que acolheu ondas sucessivas de imigrantes desde o século 19

# Imigração É Via de Mão Dupla: Além do Caldeirão Cultural

Mark A. Grey



© Paul Chinn/San Francisco Chronicle/Corbis

Pei Gei Xie (na frente) e outros estudantes em aula de cidadania recitam o Juramento de Fidelidade à Bandeira Americana em faculdade comunitária de Chinatown, em São Francisco. A adaptação a uma nova vida nos Estados Unidos pode ser um desafio para imigrantes, ao tentar aprender inglês, entender hábitos e práticas culturais dos americanos e encontrar emprego

*Mark Grey é professor de Antropologia da Universidade do Norte de Iowa e diretor do Centro de Iowa para Liderança e Integração de Imigrantes. É também o autor principal de Postville USA: Surviving Diversity in Small-Town America [Postville EUA: Sobrevivendo à Diversidade em uma Pequena Cidade Americana].*

**M**ilhões de imigrantes começam sua nova vida nos EUA em cidades maiores. Desde o século 19, os imigrantes impulsionaram o rápido crescimento tanto de cidades costeiras americanas, como Boston, Nova York e São Francisco, quanto de suas congêneres do

interior, como Chicago, Cleveland e a Cidade de Kansas. Para a maioria dos imigrantes, o assentamento em grandes cidades lhes permite construir enclaves com conterrâneos recém-chegados que falam o mesmo idioma, têm hábitos semelhantes e professam a mesma religião. Esses enclaves historicamente estiveram localizados próximos a empregos que atraíam imigrantes. Por exemplo, grandes bairros de poloneses, tchecos e outras nacionalidades do Leste Europeu cresceram em volta de grandes frigoríficos em Chicago e na Cidade de Kansas. A natureza urbana da imigração americana ainda é sentida em muitas cidades onde é possível visitar bairros de herança étnica com nomes como “Chinatown” ou “Little Italy”.



Placas escritas em inglês, espanhol, vietnamita e chinês dão as boas-vindas a eleitores no Cartório Eleitoral do condado de Santa Clara, na Califórnia. Nora Sy (ao fundo, no centro) e A.J. Castillo revisam declarações de candidatos no dialeto filipino de tagalong. De acordo com dados de um censo recente, estima-se que 50% da população de Santa Clara fala outro idioma que não o inglês em casa

© AP Images

Embora milhares de imigrantes ainda se instalem em grandes cidades como Los Angeles, um número cada vez maior de imigrantes, ao invés disso, escolhe comunidades rurais, subúrbios e cidades menores dos EUA. Em geral, esses novos padrões de assentamento refletem a disponibilidade de empregos, mas também refletem a disponibilidade de boas escolas e moradias a preços acessíveis. Populações cada vez maiores de imigrantes são encontradas com frequência onde americanos mais velhos estão se aposentando e os mais jovens estão partindo, muitas vezes, para cidades costeiras maiores.

A imigração para cidades menores e áreas rurais americanas está levando novas populações e renovação econômica e cultural para muitas regiões do país. Mas também resulta em desafios tanto para recém-chegados quanto para os antigos habitantes. Uma metáfora frequentemente usada para descrever os Estados Unidos é “Grande Caldeirão Cultural”. Refere-se à fusão de muitas

culturas, línguas e religiões diferentes para formar uma identidade nacional. Contudo, a noção de “caldeirão cultural” é demasiadamente simples. O processo de transformar um país de muitos imigrantes em nação muitas vezes é lento e complexo. De fato, muitas comunidades americanas de imigrantes trabalharam, viveram e se casaram exclusivamente entre seus conterrâneos imigrantes durante décadas. A maioria dos enclaves de imigrantes foi desaparecendo aos poucos como bairro distintamente étnico devido a mudanças na economia, aumento do uso do idioma inglês e um número cada vez maior de casamentos fora do enclave étnico.

Quando muitas pessoas falam sobre imigração, usam a palavra “assimilação” para descrever como gerações anteriores de imigrantes tornaram-se parte da sociedade americana e, assim, exerceram seu papel no “caldeirão cultural”. Mas o termo “assimilação” muitas vezes leva a enganos. Em primeiro lugar, pressupõe que muitos de nossos ancestrais imigrantes alteraram suas práticas culturais rápida e voluntariamente e

passaram a falar inglês. De fato, a história nos mostra que muitas comunidades de imigrantes permaneceram separadas durante gerações. Em segundo lugar, insistir na assimilação de recém-chegados pressupõe que sua integração seja um processo de mão única, no qual somente os recém-chegados fazem mudanças no estilo de vida, nas práticas culturais e na língua. Nada poderia estar mais distante da verdade.

A integração dos imigrantes aos Estados Unidos é um processo vibrante e dinâmico que envolve não somente os imigrantes, mas também as comunidades, instituições públicas e organizações privadas que os recebem. É verdade que os recém-chegados devem aprender inglês e entender os estilos de vida e as práticas culturais dos americanos e devem encontrar empregos. Esses ajustes podem ser muito difíceis e é possível que levem vários anos, se não décadas, especialmente para os que não têm qualificação para o trabalho e são transferidos imediatamente para locais de trabalho e têm dificuldade de aprender inglês. Esses recém-chegados acabam por ficar com os empregos menos procurados, ganhando salários bem baixos.

Moradores antigos e suas instituições também são responsáveis por integrar imigrantes. “Adaptação” é

provavelmente a melhor forma de descrever essa relação recíproca. As escolas, por exemplo, fornecem intérpretes para se comunicar com pais recém-imigrados. Os hospitais e clínicas apresentam placas com sinalizações, devido ao baixo grau de alfabetização dos recém-chegados, e fornecem serviços de interpretação. Autoridades encarregadas da execução das leis recebem capacitação cultural sobre os novos imigrantes. Cidadãos comuns também ajudam, servindo de monitores aos imigrantes no ensino de inglês e orientando-os sobre os recursos locais. Há um número crescente de locais de trabalho nos EUA que oferece acomodações razoáveis para as necessidades religiosas dos novos imigrantes, desde que a segurança não fique comprometida. Um exemplo disso é a permissão para as muçulmanas usarem lenço de cabeça em fábricas, contanto que essa peça se encaixe debaixo dos capacetes e de outros equipamentos de proteção.

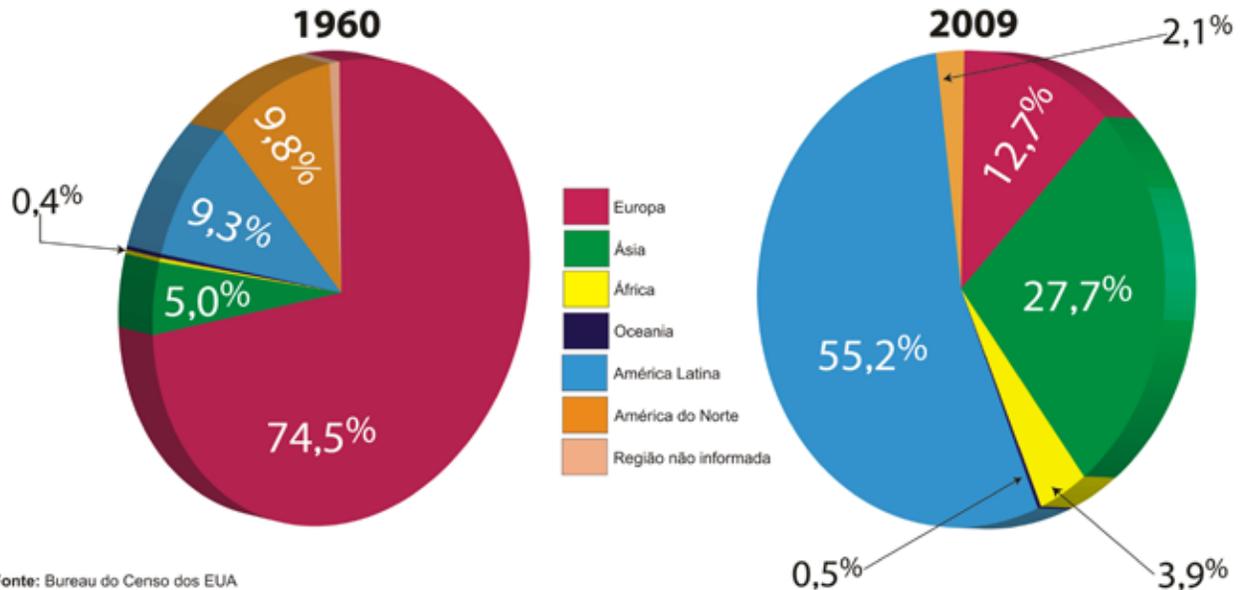
Também é importante reconhecer e lidar com as expectativas dos recém-chegados, assim como dos cidadãos americanos. Os imigrantes logo percebem que as ruas não são “pavimentadas com ouro”. Aprender a viver e a trabalhar nos Estados Unidos exige muita persistência. É necessário também paciência da parte dos



Samiul Haque Noor, originário do Paquistão, foi apontado como o melhor vendedor de comida da cidade de Nova York, em 2006. A popularidade do seu carrinho, “Halal de Sammy”, exemplifica como os imigrantes continuam a enriquecer — e transformar — a culinária e a cultura dos Estados Unidos

## Onde eles nasceram?

### Origens regionais da população dos EUA nascida no exterior



Fonte: Bureau do Censo dos EUA

**Em 1960, quase três em cada quatro americanos nascidos no exterior tinham nascido na Europa. Atualmente, mais de quatro em cada cinco nasceram na América Latina ou na Ásia.**

cidadãos americanos. Não se deve esperar que imigrantes recém-chegados aprendam inglês da noite para o dia ou sejam “assimilados” e adotem hábitos e estilos de vida americanos em poucas semanas. Certamente os imigrantes se transformam ao se estabelecer nos Estados Unidos, mas suas novas comunidades também são transformadas.

Debates e tensão social derivados da imigração nos Estados Unidos muitas vezes refletem expectativas pouco realistas de que os recém-chegados aprendam e falem inglês em pouco tempo. Essas expectativas frequentemente subestimam o tempo que se leva para aprender inglês, especialmente para adultos. Sentimentos contra imigrantes em geral são expressos por queixas de que “se recusam a aprender inglês” ou sobre placas bilíngues em lojas e hospitais. Essas frustrações às vezes levam à adoção de leis tornando o inglês a língua oficial de algumas comunidades e estados. Esse debate vem ocorrendo por gerações a fio.

Controvérsias mais recentes concentram-se na presença de imigrantes em situação ilegal. As estimativas

variam, mas é consenso geral que cerca de 10 milhões de imigrantes vivendo nos Estados Unidos atualmente entraram no país ilegalmente ou ultrapassaram o tempo determinado para sua visita. O rancor contra a imigração ilegal em geral está associado com a percepção dos cidadãos dos EUA de que os imigrantes competem por empregos necessários aos americanos, contribuem para o aumento da taxa de criminalidade e usam serviços públicos limitados, como escolas e hospitais. Pesquisas sobre esses tópicos em geral são inconclusivas, mas quando muitos americanos acreditam que imigrantes em situação ilegal são responsáveis pelo declínio em sua qualidade de vida ou que os imigrantes recebem mais do que dão, a frustração é expressa de várias maneiras. Muitos americanos estão frustrados com o fato de o Congresso não ter aprovado leis de imigração abrangentes para tratar da imigração ilegal.

A falta de ação do Congresso em relação à imigração ilegal tem levado um número cada vez maior de estados e cidades a promulgar suas próprias leis. Por exemplo, algumas comunidades tornaram ilegal o aluguel de casas



Randy West

Nativa do México caminha na Parada de Culturas em Louisville, Kentucky

e apartamentos para imigrantes que não comprovem formalmente sua situação legal como imigrante. Alguns estados impossibilitam a obtenção de carteira de motorista por um imigrante ilegal. Alguns lugares chegam a impedir a assistência médica com recursos públicos para imigrantes ilegais e seus filhos, a não ser em emergências.

Recentemente, o estado do Arizona exigiu que autoridades encarregadas da execução da lei verifiquem a situação migratória de qualquer pessoa suspeita de estar nos Estados Unidos de forma ilegal. Um tribunal federal do EUA derrubou uma cláusula dessa lei. O litígio continua, assim como o debate nacional sobre migração.

Apesar dessas tensões sociais e políticas, o debate e o rancor em relação à migração não são coisas novas nem impossíveis de ser superadas. Debates semelhantes ocorreram no decorrer da história americana. Normalmente refletiram amplas mudanças na economia

e no mercado de trabalho. Algumas vezes descendentes de imigrantes mais antigos tentaram restringir a migração de novas populações. Por exemplo, leis que restringiam a migração da China e da Irlanda foram instigadas frequentemente em nível federal e local por “nativos”, eles próprios filhos ou netos de imigrantes. Esse sentimento “nativista” irrompeu várias vezes na história dos EUA, mas mesmo assim a integração prevaleceu no final — embora o processo tenha sido com frequência igualmente desafiador para recém-chegados e nativos.

No decorrer da história dos EUA, foram mudando os países de origem dos imigrantes, assim como as línguas, os costumes e a cultura que eles trazem. Os imigrantes atuais enfrentam os mesmos desafios dos antigos recém-chegados na adaptação à sociedade e à cultura dos EUA. E alguns cidadãos americanos manifestam as mesmas atitudes negativas em relação aos imigrantes enfrentadas por seus próprios ancestrais imigrantes. No entanto, apesar dos desafios recíprocos de adaptação e integração, os imigrantes continuam a buscar uma vida melhor nos Estados Unidos, e a sociedade americana continua a ser transformada. ■

© AP Images



Em 2000, mais da metade dos imigrantes nos Estados Unidos eram originários da América Latina e da Ásia. Shoshana e Renan Cruz começaram a publicar um jornal bilingue em St. Cloud, Minnesota, em 2005, para ajudar a superar a lacuna entre as populações de língua espanhola e inglesa do estado

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*



Tammy R. Lawson

A sobrevivência do distrito central de Marshalltown se dá em grande parte graças a empresas dirigidas e pertencentes aos imigrantes

# Revitalização de uma Cidade do Meio Oeste: Imigrantes em Marshalltown

Anne C. Woodrick



Tammy R. Lawson

Janela anunciando a abertura de uma pequena mercearia na Rua Principal é um exemplo de como os imigrantes contribuem para a vitalidade econômica de Marshalltown, em Iowa

*Anne C. Woodrick é professora de Antropologia da Universidade do Norte de Iowa. Recebeu o bacharelado em Antropologia pela Universidade de Michigan e o doutorado pela Universidade da Califórnia, San Diego. Seus interesses de pesquisa incluem o papel da religião no desenvolvimento e na mobilização da comunidade entre imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos.*

No final dos anos 1980, novos empregos em uma indústria de processamento de carne em expansão atraíram uma força de trabalho de imigrantes hispânicos ao Meio Oeste e mudaram de forma significativa a composição étnica e a cultura de várias pequenas cidades agrícolas. Uma delas é Marshalltown, em Iowa, onde o afluxo de trabalhadores hispânicos e suas famílias desafiou os antigos moradores, bem como os recém-chegados, a encontrar formas de se comunicar, entender e trabalhar juntos.

Marshalltown, com população de 25.814 pessoas, é uma cidade agrícola e industrial localizada no centro de Iowa. Assim como o restante de Iowa, Marshalltown é historicamente muito homogênea. A cidade foi fundada em 1853 principalmente por colonos alemães, irlandeses e noruegueses. Vinte anos atrás, apenas 5% da população não era europeia; a porcentagem incluía famílias de refugiados do Sudeste Asiático, nativos americanos e afro-americanos. Nenhum desses grupos desenvolveu uma base populacional significativa em Marshalltown. Contudo, os 292 habitantes hispânicos, ou 0,76% da população residente no condado de Marshall em 1990, formaram a base para a rápida diversificação étnica da cidade e seus arredores.

A expansão das instalações do frigorífico Swift & Company em Marshalltown no final dos anos 1980 atraiu alguns hispânicos que deixaram suas casas no Vale Central da Califórnia em busca de novas oportunidades de trabalho,

um estilo de vida mais tranquilo e custo de vida mais baixo. Em uma década, mais de 3.700 hispânicos instalaram-se no condado de Marshall [9,6% da população total] e em 2009 pouco mais de 6.100 hispânicos residiam nessa área [15,8% da população total]. Um dos principais motivos para o rápido aumento foi a rede de relacionamento que se desenvolveu entre o frigorífico Swift e os moradores de Villachuato, Michoacán, no México. Em 1998, quase um terço de toda a linha de produção da Swift era de Villachuentes. Embora a população hispânica residente represente muitos países da América Latina e a maioria dos estados mexicanos, uma grande porcentagem dos imigrantes é de Michoacán, Jalisco e Guanajuato, no México.

Atualmente, a presença hispânica em Marshalltown é visível. Placas em espanhol estão em todo lugar. Uma escola de ensino fundamental tem currículo bilíngue. Várias igrejas, católicas e protestantes, oferecem programas religiosos e não religiosos para hispânicos. Grandes e concorridas *fiestas* mexicanas para celebração de casamentos e de *quinceañeros* são realizadas com frequência. Lojas mexicanas de todos os tipos estão localizadas no centro da cidade. Novas empresas de propriedade de hispânicos têm sido abertas. Todas as instituições sociais da cidade foram influenciadas pelos recém-chegados.

### TENSÕES ENTRE NATIVOS E ESTRANGEIROS

Tensões entre recém-chegados e antigos moradores desenvolveram-se em torno de quatro questões abrangentes. Questões logísticas, centradas em como as instituições e as empresas locais poderiam acomodar e servir a nova população recém-chegada e em rápido crescimento. No início, os serviços e os programas de alcance social se depararam com outra grande questão — a lacuna sociocultural entre o povo da cidade e os residentes. A comunicação era difícil, se não impossível. As barreiras linguísticas e culturais não podiam ser solucionadas apenas com a contratação de tradutores, que inicialmente nem sempre eram fluentes em ambas as línguas. Em muitos casos, o povo da cidade tinha expectativas irrealistas, ao pensar que os recém-chegados aprenderiam o inglês da noite para o dia e se comportariam de imediato como os nativos de Iowa. Os imigrantes hispânicos tentaram negociar seu novo ambiente, mas foram desencorajados ao tentar se comunicar, e mal-entendidos eram comuns. Comportamentos culturais diferentes criavam problemas mesmo quando os hispânicos compartilhavam uma prática social comum, como frequentar a igreja.

Questões jurídicas e políticas também criaram tensões. A questão mais significativa foi a situação ilegal

de muitos hispânicos. Alguns residentes anglo-americanos de Marshalltown agruparam os hispânicos recém-chegados em uma só categoria: ‘estrangeiros ilegais’ mexicanos.

Uma quarta fonte de tensão foi a discriminação, amplamente calcada em estereótipos negativos. As tensões em Marshalltown foram exacerbadas pelo rápido crescimento da população imigrante e por meio de observações e de material impresso, facilmente mal interpretados ou mal informados.

A maioria dos comentários sobre hispânicos publicada anonimamente na coluna “Diga com Todas as Letras” do jornal local dizia que os hispânicos estavam arruinando Marshalltown.

### ESFORÇOS RELIGIOSOS E CÍVICOS

Em 1989, os imigrantes hispânicos em Marshalltown eram recém-chegados isolados e ignorados. Isso começou a mudar lentamente. No início, uma pessoa ajudou os recém-chegados hispânicos. Ela não pôde resolver todos os problemas, mas conseguiu fazer a diferença e colocou em prática programas que depois se tornaram significativos para a transformação de Marshalltown em uma comunidade culturalmente diversa e bem-sucedida. Em dezembro de 1990, uma identidade de comunidade hispânica desenvolveu-se por meio da organização de uma congregação religiosa por um pastor luterano, John Allen, que encorajou o diálogo entre ele e os recém-chegados. Allen esclareceu o pessoal da cidade sobre os imigrantes e defendeu suas necessidades. Organizou uma força-tarefa cívica (depois, Comissão da Diversidade), composta por autoridades e líderes da cidade, para coordenar os esforços de adaptação. Programas de alcance social da congregação ofereceram aulas de inglês como segunda língua, criaram um banco de alimentos e atenderam carências de moradia. Allen entendeu claramente a necessidade de integrar os novos imigrantes na sociedade mais ampla de Marshalltown.

Ao mesmo tempo, uma igreja católica próxima contratou o padre Ouderkirk para supervisionar uma nova congregação hispânica. Allen e Ouderkirk tornaram-se amigos e elaboraram uma liturgia especial para os congregados hispânicos. Isso fortaleceu a identidade da comunidade hispânica. Aumentaram as oportunidades de liderança hispânica laica dentro da igreja. Os ministros hispânicos católicos agiram como escudo protetor para a comunidade imigrante. Eles ajudaram a instruir os paroquianos e os membros da comunidade para que dispensassem ideias estereotipadas e informações equivocadas. Ajudaram os hispânicos com os documentos legais. A Comissão da Diversidade continuou tratando das questões de logística. Os hispânicos foram convidados a fazer parte da comissão, mas raramente participavam.

## DESAFIOS E AVANÇOS

Em 1996, os agentes de aplicação da lei do Serviço de Imigração e Naturalização (INS) foram ao frigorífico e prenderam 99 trabalhadores hispânicos que não tinham documentação legal para trabalhar nos Estados Unidos. Os 'estrangeiros ilegais' foram deportados, a cobertura da mídia sobre mexicanos ilegais aumentou, e os esforços de integração anteriores foram prejudicados.

As notícias negativas sobre a imigração hispânica ilegal trouxe novamente à tona as antigas impressões e os estereótipos negativos. Um resultado benéfico da operação foi um fórum aberto ao público patrocinado pela Comissão da Diversidade. Os hispânicos e o pessoal da cidade se reuniram e discutiram o ocorrido e suas consequências. No ano seguinte, a Comissão da Diversidade divulgou a comemoração anual do 4 de Julho como o Dia da Herança e reconheceu todos os grupos étnicos da cidade. A prática continuou nos anos subsequentes.

Tammy R. Lawson



Há uma década, estudantes da faculdade comunitária local pintaram um muro no centro da cidade, ao longo da Center Street, comemorando a diversidade de Marshalltown



Tammy R. Lawson

O festival do Dia da Herança no 4 de Julho, em Marshalltown, é um evento anual que comemora a diversidade da cidade com música, comida e uma cerimônia de reconhecimento dos que se tornaram cidadãos americanos recentemente

Em 1998, outra mudança na congregação hispânica católica serviu como catalisador para a comunidade hispânica. Em grupos de estudo da igreja, os hispânicos falaram sobre suas experiências com exploração e discriminação. A irmã Thein estimulou-os a levar as questões adiante, à Câmara Municipal. Eles assim fizeram, e ela serviu de intérprete. Os hispânicos então organizaram seu primeiro protesto público no Domingo de Ramos. Eles enfatizaram como os valores hispânicos sobre família, trabalho e religião não eram diferentes dos valores anglo-americanos.

### **AS COMUNIDADES SE REÚNEM**

Em 2001, um grupo de professores universitários organizou as primeiras de várias viagens de aprendizagem, levando as principais lideranças de Marshalltown a Villachuato, no México. Lá, os líderes puderam entender o contexto histórico e econômico da imigração e a realidade do dia a dia das famílias separadas pela imigração. Eles voltaram para casa com percepções radicalmente mudadas e logo lançaram uma série de programas inovadores de alcance comunitário, entre eles um programa bilíngue para o ensino fundamental e um vídeo em espanhol explicando as leis de Marshalltown. Os líderes da cidade também reconheceram a importância dos hispânicos para o crescimento e o desenvolvimento da economia local. Essas iniciativas fortaleceram o compromisso e o entendimento social.

Em 2004 a Comissão da Diversidade foi desfeita, uma vez que os líderes hispânicos estavam se tornando participantes ativos da comunidade de Marshalltown. Os líderes hispânicos, vários dos quais estavam entre os primeiros imigrantes, identificaram questões que afetavam o seu bem-estar e buscaram soluções. A juventude hispânica aprendeu com as experiências de seus pais, se engajou ativamente em fóruns públicos e defendeu seus direitos.

As tensões em Marshalltown não desapareceram completamente. Os avanços têm sido seguidos por reveses. As tensões entre residentes estabelecidos e recém-chegados vão e voltam e nunca desaparecem por completo. Mas Marshalltown fez progressos significativos na integração dos imigrantes hispânicos por meio de esforços de pessoas determinadas, dedicadas e visionárias que promoveram, sem impor, a comunicação e o engajamento entre os recém-chegados e os naturais da cidade. Abordagens inovadoras a antigos problemas estimularam novas ideias e direções. Líderes anglo-americanos e hispânicos estimularam as oportunidades do dia a dia para o diálogo aberto, a aprendizagem experimental para líderes da cidade e a responsabilidade cívica. Como resultado, Marshalltown exemplifica como os imigrantes recentes podem se integrar melhor no discurso e na ação civil. ■

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*



Tammy R. Lawson

A Biblioteca Pública de Marshalltown promove anualmente o Día de los Niños/Día de los Libros Fiesta, dia de comemoração dos jovens em que voluntários ajudam famílias de língua espanhola a se cadastrar para cartões da biblioteca. Hoje, os hispânicos constituem cerca de 20% da população total de 25 mil habitantes de Marshalltown



Alan Borrud

Shariar Ahmed conversa com visitantes na Mesquita Bilal durante evento que lembrou o 11 de Setembro e recebeu mais de 300 não muçulmanos. Vindos de mais de 20 países, os frequentadores da Mesquita Bilal estão unidos pelo idioma inglês, diz Ahmed

# Beaverton: A Cidade mais Diversificada do Oregon

Amy Martinez Starke



Alan Borrud

Shivi Vanka conduz uma aula de dança clássica indiana. Moradora de Beaverton desde 1986, Shivi veio do sul da Índia

*Jornalista freelancer, Amy Starke foi repórter do Oregonian durante 18 anos. Ela morou em Beaverton por 19 anos e não consegue decidir qual sua comida favorita: mexicana, coreana ou indiana.*

**P**asseie pela feira livre de produtores e você ouvirá uma infinidade de línguas e verá um arco-íris de rostos. Desça a Canyon Road e faça uma parada para degustar uma carne *halal* ou uma barriga de porco filipina nos mercados adjacentes. Na estrada principal, dê uma olhada nos corredores de um gigantesco supermercado asiático que oferece couve chinesa, mostarda japonesa e *kimchi* fresco. Vá até o centro da cidade e verá *loncheras* — vans que vendem taco — nas esquinas das ruas e ouvirá música tradicional mexicana. No extremo norte da cidade, você pode experimentar um *chaat* indiano.

Bem-vindo a Beaverton, nos arredores de Portland, onde se dá o crescimento mais rápido da população de imigrantes do Oregon. Antes comunidade rural, Beaverton, com população de 87 mil habitantes, agora é a sexta maior cidade do Oregon — com taxas de imigração mais elevadas que as de Portland, maior cidade do Oregon.

## TRANSFORMAÇÃO DE BEAVERTON

Mais conhecida como sede mundial da empresa de calçados esportivos Nike, Beaverton mudou drasticamente nos últimos 40 anos. Colonizada por imigrantes do norte da Europa no século 19, hoje é um lugar onde 80 idiomas — do albanês ao urdu — são falados nas escolas públicas e cerca de 30% dos estudantes falam uma língua além do inglês, segundo Wei Wei Lou, diretor do programa Inglês como Segunda Língua.



Alan Borrud

Empresa familiar, o Mercado Asiático Gobugi é um dos vários mercados que atende à grande população coreana de Beaverton

A leva de novos habitantes de Beaverton começou a chegar na década de 1960, com coreanos e *tejanos* (texasanos de origem mexicana), que foram os primeiros latino-americanos permanentes. Em 1960, a população de latino-americanos e asiáticos de Beaverton era inferior a 0,3%. Em 2000, Beaverton tinha proporcionalmente mais moradores asiáticos e hispânicos do que a área metropolitana de Portland. Hoje, os asiáticos compreendem 10% e os hispânicos 11% da população de Beaverton.

O prefeito Denny Doyle diz que muitos em Beaverton veem os imigrantes, que estão rapidamente reformulando a cidade, como uma fonte de enriquecimento. “Os cidadãos, especialmente da comunidade das artes e da cultura, acham fantástico termos todas essas diferentes possibilidades aqui”, diz ele.

### IMIGRANTES EM BEAVERTON

Sig Unander, 58 anos, que cresceu em Beaverton e trabalhou durante anos na imprensa de língua espanhola na área metropolitana de Portland, observa que a maioria dos recém-chegados mexicanos parece ter família na cidade. “Existe uma ligação de migração em cadeia com grandes famílias extensas”, diz. “Eles vão aonde têm alguma ligação.”

Gloria Vargas, 50, imigrante salvadorenha, tem um pequeno restaurante popular, o Gloria's Secret Café, no centro de Beaverton. “Eu adoro Beaverton”, diz ela. “Sinto que pertencço a este lugar.” Sua mãe a levou para Los Angeles quando era adolescente, em 1973, e ela se mudou para o Oregon em 1979. Em 1999, conseguiu

um ponto cobiçado no Mercado de Agricultores de Beaverton. Agora, além de dirigir seu restaurante, ela tem uma das bancas mais conhecidas do mercado, vendendo todo sábado até 200 *tamales* salvadorenhos — envoltos em folhas de bananeira no lugar da palha de milho. “Depois que compram minha comida, eles sempre voltam querendo mais”, diz ela.

Para Mohammed Haque, natural de Bangladesh, Beaverton é uma cidade muito acolhedora. Sua filha, gaba-se, foi até eleita rainha da turma da escola.

Sul-asiáticos, como Haque, transformaram Bethany, bairro ao norte de Beaverton repleto de imigrantes de Gujarat, estado indiano e principal origem da primeira leva de imigrantes sul-asiáticos de Beaverton.

A primeira leva de imigrantes do Sul da Ásia em Beaverton, proveniente principalmente de Gujarat, chegou nas décadas de 1960 e 1970, quando a indústria hoteleira estava em expansão. Muitos compraram pequenos hotéis e inicialmente se estabeleceram em Portland; depois se mudaram para Beaverton em busca de melhores escolas e jardins maiores. A segunda leva de sul-asiáticos chegou durante a *boom* da alta tecnologia nos anos 1980, quando a indústria de software, a Intel e a Tektronix realmente decolaram.

Muitos asiáticos de Beaverton frequentam o Uwajimaya, supermercado de 2.800 metros quadrados perto do centro cidade. Bernie Capell, ex-coordenador de eventos especiais do Uwajimaya, diz que muitos vão comprar produtos frescos todos os dias. Mas o maior grupo de compradores do Uwajimaya, acrescenta, são os caucasianos.

A população asiática de Beaverton se orgulha de um número considerável de coreanos, que começaram a chegar no final dos anos 1960 e início dos anos 1970.

Segundo Ted Chung, natural da Coreia e morador de Beaverton desde 1978, três coisas se destacam sobre os imigrantes coreanos. Ao se mudarem para Beaverton, eles passam a frequentar uma igreja cristã — muitas vezes metodista ou presbiteriana — como um local de encontro; estimulam os filhos a se destacar na escola; e evitam chamar atenção. Chung disse que ele e seus conterrâneos coreanos emigrados trabalham duro como pequenos empresários — proprietários de mercearias, lavanderias, delicatessens e restaurantes de sushi — e são parcimoniosos para que possam enviar os filhos a uma boa universidade.

Mais recentemente, imigrantes da América Central e do Sul, bem como refugiados do Iraque e da Somália, se juntaram à comunidade de Beaverton.



Alan Borrud

O Mercado Salsa é popular entre cozinheiros hispânicos e anglo-americanos que buscam ingredientes mexicanos. O proprietário, Enrique Aguilar, natural do México, mudou-se para Beaverton em 2008

## MUITAS MÃOS PARA AJUDAR

Muitas organizações de Beaverton ajudam os imigrantes. O Centro de Recursos de Beaverton auxilia todos os imigrantes com serviços de saúde e alfabetização. O Centro Somali de Educação Familiar ajuda somalis e outros refugiados africanos a se estabelecer. E uma escola de ensino fundamental de Beaverton teve a ideia de uma “costura” — pais de alunos costurando juntos — para acolher pais somalis bantos e diminuir as principais diferenças culturais.

Igrejas historicamente destinadas a brancos, como a Primeira Igreja Metodista Unida de Beaverton, oferecem congregações para imigrantes. E igrejas de Beaverton de todas as denominações realizam serviços em coreano ou espanhol.

O prefeito Denny Doyle quer que os líderes de refugiados e imigrantes participem do processo de tomada de decisões da cidade. Ele criou a Força-Tarefa da Diversidade, cuja missão é “construir comunidades inclusivas e equitativas na cidade de Beaverton”. A força-tarefa está trabalhando para criar um centro comunitário multicultural para os moradores de Beaverton de todas as origens.

Os recursos e a calorosa acolhida que Beaverton dá aos imigrantes são retribuídos com o afeto que muitos demonstram por seu novo lar.

Kaltun Caynan, 40, somali que veio para Beaverton em 2001 fugindo da guerra civil, é coordenadora de assistência social no Centro Somali de Educação Familiar. “Gosto muito disso”, diz com alegria. “Ninguém me discrimina, todos sorriem para mim.”

Shahriar Ahmad, engenheiro de Bangladesh e presidente da Mesquita Bilal, mudou-se para Beaverton em 1985 e quer muito bem ao seu novo país.

“A comunidade de imigrantes”, disse ele, “tem um sentimento de gratidão e apreço por estar longe da opressão política, da violência, das dificuldades econômicas, da dureza da vida”.

“Nós estamos aqui, amamos este lugar. Consegui mais coisas neste país do que em qualquer lugar do mundo, e há um lugar especial no meu coração para este lugar.” ■

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*



Alan Borrud

O Uwajimaya é um supermercado asiático de 2.800 metros quadrados em Beaverton conhecido por sua variedade de comidas asiáticas e produtos frescos



Randy West

Tuan Vu, 24, veio do Vietnã para os Estados Unidos com 8 anos. Vu estudou francês e estudos internacionais na Universidade de Louisville e agora trabalha na Casa Crane, que abriga o Projeto de História Oral do Vietnã

# Vida Nova em Louisville, Kentucky

Cary Stemle



Randy West

A partir da esquerda, Layla Lensa, Halima Kelifa e Mako Hussein, todas naturais da Etiópia, seguram a bandeira americana após 400 imigrantes fazerem o juramento de cidadãos americanos durante o Worldfest 2010 em Louisville

*Cary Stemle é jornalista freelancer em Louisville, Kentucky. Ex-editor da LEO Weekly, publicação semanal alternativa, e ex-repórter da Business First de Louisville, seus trabalhos foram publicados também por Time.com, revista Louisville, Business First e NetWorld Alliance.*

Em Louisville, Kentucky, três mulheres etíopes — Layla Lensa, Helima Kelifa e Mako Hussein — exibem minúsculas bandeiras americanas e sorrisos sob um sol brilhante. Um vento quente e forte às vezes balança seus lenços de cabeça, enquanto elas se impregnam de seus primeiros momentos como cidadãs americanas. Juntamente com outras 368 pessoas, essas mulheres acabam de se tornar cidadãs oficiais dos EUA durante uma cerimônia de naturalização em massa em Louisville, Kentucky.

A cerimônia de naturalização faz parte do “Worldfest”, festival internacional de dois dias que celebra a diversidade cultural dos habitantes de Louisville com comida, arte e performance. Ao percorrer o local do festival, as três recém-proclamadas americanas encontram Sundar Sridharagopal, um homem entusiasta e comunicativo de

36 anos trabalhando em um estande da Associação de Jovens Profissionais de Louisville. Sundar, que trabalha com tecnologia da informação, veio para Louisville em 2001 para obter um diploma de pós-graduação em Empreendedorismo Social na Universidade de Louisville. A cidade lembrava sua terra natal, Madurai no sul da Índia, e ele “soube na mesma hora que este seria meu lar”. Sundar ofereceu às três mulheres um conselho oportuno: “Não esperem que os outros venham até vocês”, ele lhes disse. “Vão e contem suas histórias — não esperem até perguntarem. Se vocês fizerem isso nos Estados Unidos, as pessoas sempre estarão ao seu lado.”

## DIVERSIDADE CRESCENTE

Louisville é a maior cidade do estado de Kentucky, com uma população estimada de 722 mil habitantes. De 1990 a 2004, a população de Louisville nascida no exterior aumentou 388%, e os habitantes nascidos no exterior representaram 49% do crescimento populacional de Louisville durante o mesmo período.

Os imigrantes de Louisville são mais diversificados que os de toda a nação. Por exemplo, 15% dos imigrantes



Randy West

Jerry Abramson, prefeito de Louisville, posa para foto com imigrantes de Bangladesh antes do início do desfile do Worldfest

de Louisville vieram da África, em comparação com 2% em toda a nação; 35% vieram da Ásia e do Pacífico, contra 26% em toda a nação; porém somente 38% vieram da América Latina, contra 55% em toda a nação. Esses recém-chegados são muitas vezes bastante instruídos: cerca de um terço tem diploma universitário, em comparação com 19% dos habitantes nascidos no país.

### **ADESÃO À CORRENTE DOMINANTE**

Muitos habitantes nascidos no exterior descrevem Louisville como um lugar acolhedor com bons serviços sociais para imigrantes, uma população amável e um custo de vida relativamente baixo. Mas a cidade nem sempre foi tão acolhedora. De acordo com o historiador Thomas Owen, da Universidade de Louisville, o período de imigração mais ativo da cidade foi de 1840 a 1890, quando levas de alemães e irlandeses, predominantemente católicos romanos, se mudaram para lá. Durante uma eleição em 1855, habitantes anti-imigrantes atacaram imigrantes católicos romanos durante o violento tumulto conhecido como “Segunda-Feira Sangrenta”.

Em forte contraste com os dias da “Segunda-Feira Sangrenta”, os atuais imigrantes da cidade encontram várias organizações sem fins lucrativos que se dedicam a ajudá-los a se ajustar à vida em um novo país. Entre elas estão duas organizações — Cáritas Católica e Ministérios de Refugiados do Kentucky — autorizadas pelo Departamento de Estado dos EUA a ajudar refugiados admitidos legalmente no país. A Cáritas

Católica, filiada à Conferência dos Bispos Católicos dos EUA, ajudou a reassentar cerca de 11 mil refugiados de 30 países desde 1975, declarou o porta-voz Bart Weigel. Além disso, a Cáritas Católica tem um departamento de serviços jurídicos com cinco funcionários que fornece serviços jurídicos gratuitos ou de baixo custo a imigrantes refugiados ou não. Weigel disse que desde 2005 o departamento ajuda anualmente cerca de 2.200 a 2.500 não refugiados nascidos no exterior.

A organização Ministérios de Refugiados do Kentucky, filiada ao Serviço Mundial de Igrejas e aos Ministérios Episcopais de Migração, também ajuda imigrantes não refugiados com serviços jurídicos, mas trabalha principalmente com refugiados e reassentou mais de 8.100 deles desde 1990, fornecendo moradia, alimentação, roupas e transporte, acompanhamento de processos, curso de inglês e capacitação para emprego. De acordo com o coordenador de concessões, John Koehlinger, cerca de 75% dos refugiados passíveis de serem empregados (não incluindo crianças, mães de filhos pequenos, deficientes, por exemplo) são colocados em empregos em tempo integral nos primeiros 150 dias da chegada ao Kentucky, embora esse número tenha diminuído recentemente, muito provavelmente devido à atual retração econômica.

Louisville é também sede da Caminhos Inter-Religiosos para a Paz, organização inter-religiosa que reúne pessoas de religiões diferentes. O Centro de Relações Inter-Religiosas sedia o Festival de Religiões, evento anual que dura vários dias e apresenta palestrantes nacionais e internacionais para discutir pontos em comum entre as diversas religiões e fortalecer o papel da religião na sociedade.

Outra organização baseada na religião, a Serviços Judaicos para a Família e a Carreira, fornece serviços substanciais voltados à carreira para imigrantes e refugiados de todas as religiões. Essa organização realiza oficinas para ajudar os participantes a pesquisar e se preparar para a carreira, e seu Centro de Desenvolvimento de Microempresas já ajudou cidadãos nascidos no exterior a abrir cerca de 30 empresas, que variam de transporte rodoviário a artesanato, de refeições a cuidado de crianças, de móveis para o lar a interpretação e tradução. O Centro Comunitário Americano, sem fins lucrativos, que no início se firmou atendendo à população vietnamita da cidade em crescimento há mais de três décadas, também fornece ampla gama de serviços a diversos grupos de imigrantes em Louisville.

As escolas públicas de Louisville lutaram para acompanhar o afluxo de habitantes nascidos no exterior. O Instituto



Randy West

Grayce Avila e Jose Flores, vestidos como a realeza asteca, caminham com a delegação mexicana no desfile do Worldfest

Urbano observa que, em 2000, os alunos das escolas de Louisville falavam no mínimo 78 idiomas, e o número dos que estudavam inglês como segunda língua cresceu 122% — de 900 para 2.000 — de 1997 a 2005. Em resposta a essa situação, em 2007 o sistema escolar criou a Academia de Inglês como Segunda Língua para os Recém-Chegados para alunos da 6ª à 10ª série em nível principiante de proficiência em inglês ou no primeiro ano de ensino em uma escola dos EUA.

### DE MUITOS LUGARES, POR MUITAS RAZÕES

Semsudin Haseljic, muçulmano bósnio, veio para Louisville pela Cáritas Católica em 1994, após perder as pernas na explosão de uma mina terrestre. Hoje trabalha nos Ministérios de Refugiados do Kentucky como gerente de programação. Ele descreve Louisville como acolhedora — “suficientemente grande e suficientemente pequena para todos” — e aponta grupos de empresas de bósnios, que variam de oficinas para carros a salões de cabeleireiros. Haseljic também dirige uma pequena empresa de elaboração de declaração de

impostos e trabalha muitas horas no voluntariado como chefe de fato do Centro Islâmico Bósnio-Americano, que fornece serviços sociais básicos e trabalha para preservar a cultura da população bósnia da cidade, estimada por ele em 4.500 a 5.000 pessoas. A maioria dos bósnios de Louisville é muçulmana, explica, e, como ele, também fugiu da limpeza étnica e chegou a Louisville pela Cáritas Católica. Haseljic observa que Louisville tem no mínimo oito mesquitas e diz que incidentes de intolerância religiosa parecem raros, opinião repetida em recente matéria do *Courier-Journal*, que detalha a conclusão do novo Centro Muçulmano de Louisville e da adjacente Escola Islâmica de Louisville. Ammar Almasalkhi, membro do Conselho de Administração do Centro e da Escola, disse ao jornal que defensores da mesquita mantêm boas relações com os vizinhos e “receberam muitas palavras de incentivo e cartas de apoio dos amigos não muçulmanos”, ao passo que Haleb Karimi, muçulmano e membro do Conselho de Administração de uma organização inter-religiosa de Louisville, disse que “a maioria das pessoas daqui é pacífica. Estou muito contente por fazer parte desta comunidade”.

Surekha Kulkarni, que vendia joias no Worldfest, veio da Índia para Louisville com a família em 1986 para que o filho, que tem dislexia, pudesse frequentar a Escola dePaul, especializada em crianças com deficiências de aprendizado. É defensora declarada de Louisville, onde ela e o marido, Suhas, no início eram donos de uma mercearia, que dirigiam pessoalmente. O marido também trabalhou com exportação de equipamentos pesados antes de abrir sua própria empresa de consultoria em programas de computador. Surekha logo começará a usar sua capacitação como assistente jurídica; trabalhará com a filha advogada que voltou de Fresno, Califórnia, para Louisville para a prática das leis de imigração.

Sundar, que assessorou mulheres etíopes, tornou-se recentemente “Conector de Louisville” em um programa patrocinado pelo Centro de Lideranças de Louisville, organização sem fins lucrativos dedicada a desenvolver um grupo diversificado de líderes comunitários. Embora ainda trabalhe para obter a cidadania, Sundar jamais hesitou em se envolver na comunidade e diz que gostaria de ver mais imigrantes fazendo a mesma coisa.

“Chamo isso ‘os três Ts’: tempo, tesouro — os dólares pagos em impostos — e talento. A cidadania é mais que um cartão. Não se trata apenas de direito a voto ou da capacidade de ter uma empresa própria. Você tem de dar algo em troca para a comunidade.” ■

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Recursos Adicionais

## Publicações e sites sobre imigração nos EUA

### Livros e artigos

#### **Becoming an American: The Chinese Experience**

[**Tornando-se Americano: A Experiência Chinesa**]

A extraordinária história de luta e triunfo, avanços e retrocessos, discriminação e assimilação de imigrantes chineses retratada em relatos pessoais.

<http://www.pbs.org/becomingamerican/index.html>

#### **Chicago, City of the Century: Decades of Immigrants**

[**Chicago, Cidade do Século: Décadas de Imigração**]

[http://www.pbs.org/wgbh/amex/chicago/sfeature/sf\\_nations.html](http://www.pbs.org/wgbh/amex/chicago/sfeature/sf_nations.html)

#### **Destination America [Destino Estados Unidos]**

Esse site rico em recursos inclui artigos comoventes sobre imigração, a história da imigração nos Estados Unidos, um jogo para testar seus conhecimentos e vários outros recursos.

<http://www.pbs.org/destinationamerica/index.html>

#### **Imigração: Biblioteca do Congresso**

Apresentação da história da imigração, a partir de fontes primárias da Biblioteca do Congresso.

<http://www.loc.gov/teachers/classroommaterials/presentationsandactivities/presentations/immigration/>

#### **Imigração para os Estados Unidos, 1789-1930**

Seleção de materiais históricos de coleções da Universidade de Harvard documenta a imigração voluntária para os Estados Unidos.

<http://ocp.hul.harvard.edu/immigration/>

#### **Vozes de Imigrantes — Fontes Primárias**

[http://www.digitalhistory.uh.edu/historyonline/ethnic\\_am.cfm](http://www.digitalhistory.uh.edu/historyonline/ethnic_am.cfm)

#### **Centro de Dados do Instituto de Política Migratória**

Os fatos, estatísticas e mapas mais recentes sobre a migração internacional.

<http://www.migrationinformation.org/datahub>

#### **Os Novos Americanos**

Histórias pessoais e riquezas culturais da leva mais recente de imigrantes para os Estados Unidos.

<http://www.pbs.org/independentlens/newamericans/index.html>

#### **New York Times, artigos sobre imigração**

<http://topics.nytimes.com/top/opinion/immigration/index.html>

#### **Centro de Recursos Históricos da Imigração da Universidade de Minnesota**

O Centro de Recursos Históricos da Imigração (IHRC) da Universidade de Minnesota é um recurso internacional em matéria de imigração e história étnica americana.

<http://www.ihrc.umn.edu/research/links.php>

#### **Bem-vindo ao USA.Gov**

O WelcometoUSA.gov é a principal porta de entrada para novos imigrantes, com informações básicas sobre como se estabelecer nos Estados Unidos.

<http://www.welcometousa.gov/>

#### **Leituras on-line**

##### **eJournal USA, Imigrantes Ingressam na Corrente Dominante**

<http://www.america.gov/media/pdf/ejs/ijsp0209.pdf>

##### **eJournal USA, Refugiados Começam Vida Nova nos Estados Unidos**

<http://www.america.gov/media/pdf/ejs/portuguese/0710p.pdf>

##### **Immigration and America's Black Population**

[**Imigração e População Negra dos Estados Unidos**]

<http://www.prb.org/pdf07/62.4immigration.pdf>

##### **Immigration to Play Lead Role In Future U.S. Growth [Imigração Terá Papel de Liderança no Futuro do Crescimento dos EUA]**

<http://pewresearch.org/pubs/729/united-states-population-projections>

##### **Discurso do presidente Obama sobre reforma abrangente da imigração**

<http://www.america.gov/st/texttrans-english/2010/July/20100701152942ihecuor0.3162435.html#ixzz174rCcDjb>

##### **Bureau do Censo dos EUA. População dos EUA Nascida no Exterior: Relatórios**

Relação de todos os relatórios recentes do Bureau Censo sobre a população dos EUA de origem estrangeira.

<http://www.census.gov/population/www/socdemol/foreign/reports.html>

**O que dizem os imigrantes sobre os Estados Unidos,**  
*eJournal USA, Instantâneos dos EUA*  
<http://www.america.gov/medialpdf/ejs/ijsp0606.pdf>

## Leituras Complementares

**Alba, Richard D.** *Remaking the American Mainstream: Assimilation and Contemporary Immigration [Uma Nova Versão da Corrente Americana Dominante: Assimilação e Imigração Contemporânea]*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2003.

**Brownstone, David M., Irene M. Franck e Douglass Brownstone, orgs.** *Island of Hope, Island of Tears: The Story of Those Who Entered the New World through Ellis Island in Their Own Words [Ilha de Esperança, Ilha de Lágrimas: A História dos que Entraram no Novo Mundo pela Ilha Ellis em Suas Próprias Palavras]*. Nova York, Nova York: Metro Books, 2002.

**d'Appollonia, Ariane Chebel e Simon Reich, orgs.** *Immigration, Integration, and Security: America and Europe in Comparative Perspective [Imigração, Integração e Segurança: Estados Unidos e Europa em Perspectiva Comparativa]*. Pittsburgh, Pensilvânia: University of Pittsburgh Press, 2008.

**Daniels, Roger.** *Guarding the Golden Door: American Immigration Policy and Immigrants since 1882 [Defesa da Porta Dourada: Política de Imigração Americana e Imigrantes desde 1882]*. Nova York, Nova York: Hill and Wang, 2004.

**Daniels, Roger and Otis Graham.** *Debating American Immigration, 1882-Present [Debate sobre a Imigração Americana – de 1882 aos Dias de Hoje]*. Lanham, Maryland: Rowman and Littlefield, 2001.

**Dinnerstein, Leonard, Roger L. Nichols e David M. Reimers, orgs.** *Natives and Strangers: A Multicultural History of Americans [Nativos e Estrangeiros: História Multicultural dos Americanos]*. Nova York, Nova York: Oxford University Press, 2003.

**Foner, Nancy.** *From Ellis Island to JFK: New York's Two Great Waves of Immigration [Da Ilha de Ellis ao JFK: As Duas Grandes Ondas de Imigração de Nova York]*. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 2002.

**Grey, Mark.** *Postville USA: Surviving Diversity in Small-Town America [Postville EUA: Sobrevivendo à Diversidade em uma Pequena Cidade Americana]*. Boston, Massachusetts: GemmaMedia, 2009.

**Guskin, Jane e David L. Wilson.** *The Politics of Immigration: Questions and Answers [Política de Imigração: Perguntas e Respostas]*. Nova York, Nova York: Monthly Review Press, 2007.

**Handlin, Oscar.** *The Uprooted: The Epic Story of the Great Migrations That Made the American People [Os Desarraigados: História Épica das Grandes Migrações Que Formaram o Povo Americano]*. Filadélfia, Pensilvânia: University of Pennsylvania Press, 2002.

**Higham, John.** *Strangers in the Land: Patterns of American Nativism, 1860–1925 [Estranhos na Terra: Padrões do Nativismo Americano, 1860-1925]*. New Brunswick, Nova Jersey: Rutgers University Press, 2002.

**Jacoby, Tamar, org.** *Reinventing the Melting Pot: The New Immigrants and What It Means to Be American [Reinvenção do Caldeirão Cultural: Os Novos Imigrantes e o Que Significa Ser Americano]*. Nova York, Nova York: Basic Books, 2004.

**Renshon, Stanley A.** *The 50% American: Immigration and National Identity in an Age of Terror [50% Americano: Imigração e Identidade Nacional na Era do Terror]*. Washington, DC: Georgetown University Press, 2005.

**Segal, Uma A., org. et.al.** *Immigration Worldwide: Policies, Practices, and Trends [Imigração no Mundo: Políticas, Práticas e Tendências]*. Nova York, Nova York: Oxford University Press, 2010.

**Swain, Carol M., org.** *Debating Immigration [Debate sobre Imigração]*. Nova York, Nova York: Cambridge University Press, 2007.

**Ueda, Reed.** *Postwar Immigrant America [Imigrantes nos Estados Unidos do Pós-Guerra]*. Boston, Massachusetts: Bedford Books of St. Martin's Press, c1994.

---

*O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em dezembro de 2010.*

**agora no facebook**



# ENGAJANDO O MUNDO



REVISTA MENSAL OFERECIDA  
EM DIVERSOS IDIOMAS

<http://america.gov/publications/ejournalusa.html>

Departamento de Estado dos EUA, Bureau de Programas de Informações Internacionais